

**ACANTHOCHITONA TEREZAE SP.N., UM NOVO POLIPLACÓFORO
DA COSTA BRASILEIRA (MOLLUSCA, POLYPLACOPHORA)**

ORLANDO GUERRA JÚNIOR

O autor descreve uma nova espécie de poliplacóforo (Acanthochitona terezae) para o litoral brasileiro, apresenta dados sobre sua morfologia e discute aspectos biogeográficos.

Em fevereiro de 1966 coletamos no litoral da Bahia, junto ao farol de Itapoã, em Salvador, um lote de diminutos poliplacóforos que ocorriam em grande concentração sobre algas aderidas a pedras descobertas pela maré baixa.

Na época, pareceu-nos tratar-se de *Ischnochiton striolatus* (Gray, 1828), espécie muito freqüente em grande concentração nessa região, a essa profundidade.

Mais tarde, em 1977, examinando material para nossa dissertação de mestrado, verificamos serem esses espécimes pertencentes ao gênero *Acanthochitona* Gray, 1821.

Por não poder reconhecer nos mesmos qualquer espécie conhecida, decidimos considerá-los como pertencentes a uma espécie nova para a ciência, à qual denominamos *Acanthochitona terezae* sp. n. em homenagem a Maria Tereza Lopes Teixeira.

MATERIAL E MÉTODOS

Os espécimes foram conservados em álcool etílico a 70^oGL, glicerinado, na proporção de cinco partes de álcool para uma de glicerina. As rádulas e os elementos do perinoto foram submetidos à ação da potassa a 5% a frio por 24 horas e examinados sem qualquer coloração entre lâmina e lamínula em água destilada. Os desenhos foram executados sob lupa Wild M5 com câmara clara acoplada.

Designamos o exemplar utilizado para os desenhos como holótipo e o incluímos na Coleção de Moluscos do Museu Nacional do Rio de Janeiro sob o n^o Col. Mol. M.N. 4584. Os 17 animais restantes do mesmo lote foram designados como parátipos e incluídos na mesma coleção sob o n^o Col. Mol. M.N. 4585.

Acanthochitona terezae sp.n.
(Figuras 1-9)

Animais de muito pequeno porte, torna-se difícil precisar-lhes as medidas por se apresentarem inteiramente enrolados e contraídos (Fig. 1). Além disso, as conchas são

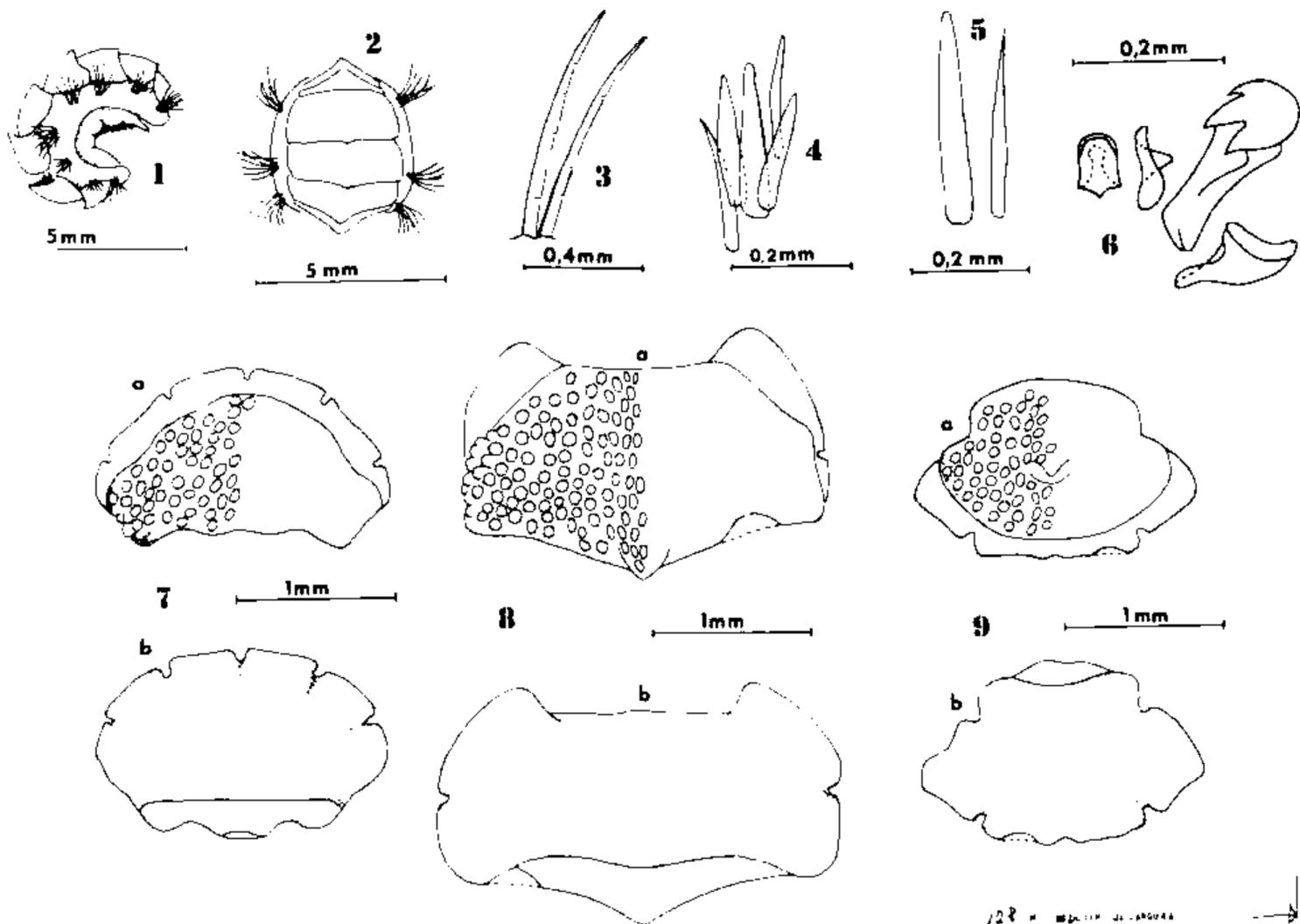


Figura 1 *Acanthochitona terezae* sp.n.

1. Vista lateral do animal contraído. Holótipo; 2. Vista dorsal do animal contraído. Holótipo; 3. Espículas dos tufos do perinoto. Holótipo; 4. Espículas ventrais do perinoto. Holótipo; 5. Espículas marginais do perinoto. Holótipo; 6. Rádula. Holótipo; 7. Valva I. Holótipo - a) vista dorsal, b) vista ventral; 8. Valva IV. Holótipo - a) vista dorsal, b) vista ventral; 9. Valva VIII. Holótipo - a) vista dorsal, b) vista ventral.

muito friáveis e a inserção das espículas extremamente frágil. As conchas se partem e as espículas se desprendem ao mais delicado manuseio. Por esse motivo todas as nossas referências a medidas mais além das indicadas nas figuras são aproximações. Os menores exemplares dessa espécie que examinamos são maiores que o holótipo e parátipos de *Acanthochitona ciroi* Righi, 1971, embora nenhum dos maiores atinja as dimensões citadas por Pilsbry (1893:23) para *Acanthochitona pygmaea* (Pilsbry, 1893): 8mm de comprimento por 4 de largura.

Os exemplares de que dispomos aproximam-se mais do porte médio indicado por Righi (1971:134) para *Acanthochitona brunoi* Righi, 1971: 4,3mm por 2,8mm.

As valvas são amplamente expostas, perfazendo no animal contraído três quartas partes de sua largura total (Fig. 2).

A coloração da concha varia consideravelmente nos espécimes que examinamos pelos diferentes arranjos de duas cores básicas: castanho claro (N00-A50-M10: apud Koppers, 1979) e um cinza esverdeado, oliváceo (N40-A80-M00: apud Koppers, 1979).

O perinoto é de cor geral castanho clara (A90-M50-C10: apud Koppers, 1979) sendo que alguns espécimes apresentam discretas faixas transversas de tom mais escuro (A90-M60-C20: apud Koppers, 1979).

Os tufos de espículas são em número de 18, alinhados longitudinalmente em pares simétricos, com dois pares em situação anterior. Em alguns exemplares falta o par posterior e o animal apresenta apenas 16 tufos.

As espículas que compõem os tufos são hialinas, vítreas, rígidas e levemente recurvadas, sulcadas por pequenos entalhes transversos (Fig. 3). Cada tufo é composto em geral por 7 espículas, num máximo de 12 espículas por tufo.

A face ventral do perinoto é recoberta de espículas (Fig. 4) cujo tamanho aumenta progressivamente em direção à margem. Embora não exista uma diferenciação abrupta entre as espículas da margem (Fig. 5) e as demais que recobrem a face ventral do perinoto, as espículas marginais são mais largas e robustas.

O dente central da rádula (Fig. 6) é quase retangular, assemelhando-se ao figurado por Righi (1968: fig. 72) para *Acanthochitona spiculosa* (Reeve, 1847), mas dele diferindo por ser mais largo. O primeiro dente lateral, contudo, é muito característico. Aproxima-se na forma ao representado por Righi (1971: fig. 60) para *Acanthochitona pygmaea* (Pilsbry, 1893) sendo porém menor, muito mais frágil e alongado.

A placa de inserção da valva anterior (Fig. 7) é estreita e espessa, exibindo 5 entalhes, sendo um mediano. Seus nódulos são largos e ovalados, típicos da espécie, não alinhados em fileiras ou costelas, mas distribuídos irregularmente por todo o tegmento. A área anterior é levemente convexa.

As valvas medianas (Fig. 8) apresentam nódulos grandes de forma ovalar que se distribuem esparsamente por todo o tegmento. A escultura não estabelece qualquer distinção entre áreas laterais e jugais. Em certos exemplares, contudo, alguns nódulos de cor mais escura (A90-M80-C60: apud Koppers, 1979), em tudo semelhantes aos demais quanto à forma, demarcam um falso jugo, sem correspondência escultural. A carena é muito pouco marcada. Seus nódulos são um pouco menores que os do resto da valva e apresentam uma remota organização em fileiras longitudinais, dificilmente perceptíveis. Sino largo, lâminas de sutura delicadas e acuminadas, placas de inserção com apenas um entalhe. Calo destacado e bem desenvolvido. Ápice conspícuo e arredondado, projetando-se anteriormente.

A área central da valva terminal é levemente côncava e indistinguível da região pós-mucral pela escultura. Mucro aparente. Toda a região do tegmento, inclusive o mucro, é recoberta pelos nódulos característicos da espécie: grandes, ovalares e dispostos desordenadamente sem qualquer alinhamento em fileiras. As lâminas de sutura são largas, delicadas e com um entalhe cada. Essa valva, por sua forma e escultura, é muito característica da espécie (Fig. 9).

As brânquias são volumosas e se localizam posteriormente, ocupando mais que a metade do comprimento do sulco branquial.

DISCUSSÃO TAXIONÔMICA

Acanthochitona terezae sp.n. afasta-se das demais espécies do gênero pelo conjunto dos seguintes caracteres:

a) As valvas são amplamente expostas, representando o perinoto apenas um quarto da largura total do animal.

b) As espículas dos tufos emergem diretamente do perinoto, não estando situadas em reentrâncias ou elevações e são em número de 7 a 12 por tufo.

c) Os nódulos do tegmento não se dispõem em fileiras nem alteram significativamente seu tamanho ou forma para destacar uma área jugal marcada; a área jugal é quase indefinida e os nódulos esparsos.

d) O primeiro dente lateral da rádula é pequeno, frágil e alongado.

e) A forma do articulamento da valva terminal é muito peculiar (Fig. 9).

f) Ocorre na zona entre marés.

Acanthochitona terezae sp.n. é próxima de *A. pygmaea* (Pilsbry, 1893), assemelhando-se à mesma no porte, na pobreza em espículas dos tufos do perinoto e na ampla exposição das valvas. Afasta-se porém dessa espécie por apresentar indefinição da área jugal, disposição esparsa dos nódulos do tegmento, alongamento e fragilidade do primeiro dente lateral da rádula, e pela forma do articlamento da valva terminal.

Muito embora tenhamos figurado a escultura de alguns elementos do perinoto, como vêm fazendo diversos autores ao tratar do gênero *Acanthochitona* Gray, 1821 — notadamente Kaas (1972), Leloup (1941) e Righi (1971) — não estamos convencidos de que tais estruturas, significativas em outros grupos de Polyplacophora, tenham valor diferencial entre as espécies desse gênero.

CONSIDERAÇÕES BIOGEOGRÁFICAS

Acanthochitona hemphilli (Pilsbry, 1893), *A. pygmaea* (Pilsbry, 1893) e *A. spiculosa* (Reeve, 1847) foram assinaladas no Caribe como ocorrentes na zona entre marés por Abbott (1954, 1958, 1974), Kaas (1972), Righi (1971), Rios (1975) e Warmke & Abbott (1961).

Todavia, no litoral atlântico sul-americano essas espécies são assinaladas bem abaixo da zona entre marés, entre 22 e 115 metros de profundidade como refere Righi (1971).

Outras espécies do gênero, *Acanthochitona brunoi* Righi, 1971 e *A. ciroi* Righi, 1971, assinaladas apenas para o litoral brasileiro, também se situam em águas de média a grande profundidade, o que parece ser um traço comum entre as espécies do gênero no litoral leste sul-americano.

Contrariando contudo essa tendência *Acanthochitona terezae* sp.n. parece perfeitamente adaptada às águas quentes e rasas do litoral baiano, pois ocorria em grande concentração no dia em que coletamos os 18 exemplares em que se baseia este trabalho.

Smith (1890) assinala *Acanthochitona spiculosa* (Reeve, 1847) como ocorrente na ilha de Fernando de Noronha, mas não dá qualquer indicação de profundidade, assim como Leloup (1941) não indica a profundidade em que foram coletados os exemplares de *Acanthochitona comunis* (Risso, 1826) que assinala nas ilhas Malvinas.

Vale registrar que Righi (1971) indica a ocorrência de um único exemplar de *Acanthochitona pygmaea* (Pilsbry, 1893) em Guarapari, Espírito Santo, à profundidade de 0 — 1m.

SUMMARY

The author describes a new species of chiton (*Acanthochitona terezae*) from the coast of Brazil, adducing data on its morphology and biogeographic aspects.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBOTT, R.T., 1954. *American Seashells*. 541 pp., 40 pls., 100 text figs. New York.
- ABBOTT, R.T., 1958. The marine mollusks of Grand Cayman Island, British West Indies. *Monogr. Acad. Nat. Sci. Phila.*, 11 :1-138, 5 pls. Philadelphia.
- ABBOTT, R.T., 1974. *American Seashells*. 10 + 1-663 + 1-24, 6045 figs. New York.

- KAAS, P., 1972. Polyplacophora of the Caribbean region. in *Studies on the fauna of Curaçao and other Caribbean islands*, XLI (71) :1-162, 247 figs. 9 pls.
- LELOUP, E., 1941. A propos de quelques acanthochitons peu connus ou nouveaux, II – Région Atlantique. *Bull. Mus. Roy. Hist. Nat. Belgique*, 17 (43) :1-15. 1-5 text figs., Pl. I.
- PILSBRY, H.A., 1893. Polyplacophora, in TRYON, W.G., *Manual of Conchology*, 15 :1-133. pls. 1-17. Philadelphia.
- REEVE, L.A., 1847. Monograph of the Genus *Chiton*. *Conchologia Iconica*, Vol. 4, pls. 1-28, London.
- RIGHI, G., 1968. On the radulae and spines of some Polyplacophora and Archaeogastropoda from Curaçao. *Studies on the fauna of Curaçao and other Caribbean islands*, 99 :73-82. figs. 71-103.
- RIGHI, G., 1971. Moluscos poliplacóforos do Brasil. *Pap. Av. Zool.*, 24 (9) :123-146, figs. 1-60.
- RIOS, E.C., 1975. *Brazilian Marine Mollusks Iconography*. 331 pp. 91 pls. Porto Alegre.
- SMITH, E.A., 1890. Mollusca, in RIDLEY, H.N., Notes on the zoology of Fernando Noronha, *J. Linn. Soc. (Zool.)* 20 :473-570, pl. 30. London.
- WARMKE, G.L. & ABBOTT, R.T., 1961. *Caribbean Seashells*. vi + 346 pp, 33 pls. Penn.